



Evento: III Seminário Acadêmico da Graduação UNIJUÍ
PERFIL EPIDEMIOLÓGICO DO CÂNCER DO COLO DO UTERO: ESTUDO EPIDEMIOLOGICO¹

Maria Eduarda Todendi de Bragas², **Nicole de Campos Kommers**³, **Nadine Van Ass**³,
Bárbara Trindade Mendonça⁴, **Sara Hermel de Oliveira**⁴, **Isabella Korb Marques**⁴,
Isadora Felzke Koller⁴, **Brenda da Silva**⁵

¹ Trabalho da disciplina Projeto Integrador: Atenção à Saúde, da Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul (UNIJUÍ).

² Acadêmica do curso Biomedicina, UNIJUÍ

³ Acadêmicas do curso de Nutrição, UNIJUÍ

⁴ Acadêmicas do curso de Fonoaudiologia, UNIJUÍ

⁵ Docente do Núcleo dos Cursos da Saúde da UNIJUÍ.

Introdução/Objetivos: O câncer do colo de útero (CCU) é o terceiro câncer de maior incidência entre as mulheres no Brasil, se constituindo como um importante problema de saúde pública. O principal fator de risco para este tipo de câncer é a infecção persistente pelo Papilomavírus Humano (HPV) que pode ser prevenida por meio de ações e estratégias, como a vacinação e rastreamento periódico. Assim, o objetivo deste estudo é descrever as variabilidades regionais no perfil epidemiológico do câncer de CCU no Brasil. **Metodologia:** Trata-se de um estudo do tipo epidemiológico que utilizou dados disponíveis no domínio virtual do Instituto Nacional de Câncer. **Resultados e Discussão:** Em 2022, nas Américas, mais de 78 mil mulheres foram diagnosticadas com CCU e 40 mil foram a óbito em virtude da doença, sendo a mortalidade três vezes maior na América Latina e Caribe em comparação à América do Norte, revelando a fragilidade de países em desenvolvimento no combate à doença. De acordo com o Instituto Nacional do Câncer, entre os anos de 2023 e 2025 estimava-se que a taxa de incidência seja de 15,38 novos casos a cada 100 mil mulheres, representando 17.010 novos diagnósticos no Brasil. O rastreamento da doença é realizado principalmente na atenção básica e visa identificar lesões precoces por meio do exame de Papanicolaou e mais recentemente, pesquisa de HPV em amostras de citologia. Em 2023, o Sistema Único de Saúde mostrou cobertura de rastreamento acima de 45% no Sul e Sudeste, mas inferior a 35% em grande parte do Norte e Nordeste, indicando desafios regionais na prevenção. Acompanhando a variabilidade do rastreamento, a incidência da doença foi maior nas regiões Norte (26,24) e Nordeste (16,10), seguidas de Centro-Oeste (12,35), Sul (12,60) e Sudeste (8,61) com a menor taxa a cada 100 mil habitantes. Sabe-se que no Brasil, por se tratar de um país continental, existem importantes desigualdades regionais em saúde e isso contribui diretamente para a gênese de doenças. As regiões Norte e Nordeste, por exemplo, sofrem com maiores dificuldades no acesso à atenção básica e vulnerabilidade socioeconômica, o que não se observa com tanta frequência na região Sudeste. Essas diferenças refletem a desigualdade entre as regiões brasileiras, mostrando que a incidência do CCU está diretamente ligada ao acesso desigual à prevenção, vacinação e diagnóstico precoce no país. Deste modo, a prevenção emerge como uma ferramenta essencial no controle da doença, visto que a vacinação contra o HPV pode evitar 70% dos casos, enquanto o rastreamento e tratamento precoce de lesões são estratégias custo-efetivas. **Conclusão:** O CCU no Brasil apresenta importantes desigualdades regionais em seu perfil de incidência e mortalidade, reforçando a necessidade de ampliar o acesso à prevenção, vacinação e rastreamento especialmente em populações socioeconomicamente vulneráveis. **Palavras-chave:** Perfil epidemiológico; Câncer uterino; Cobertura vacinal.